

6

RELIGIOSIDADE
À BRASILEIRA,
“DA SUGESTÃO DO
CHEF AO SELF
SALVE-SE”

Alexander Valdo Lemos
Graduando em Teologia
na Faculdade Unida de Vitória.

RESUMO

Este ensaio parte da proposta teórica de Matriz Religiosa Brasileira de José Bittencourt Filho para se concentrar na forma vigente do pentecostalismo, que o mesmo autor denomina de Pentecostalismo Autônomo. Parte da metáfora do *self service* para mostrar como a religiosidade à brasileira tornou-se “*self salve-se*”.

Palavras-chave: Pentecostalismo; Religiosidade brasileira; Mercado religioso.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios o transcendente, o espiritual, o sobrenatural sempre fascinou, instigou amedrontou, uniu e desuniu o ser humano: O trovão, o relâmpago, um vulcão em erupção, o sol, a lua, os animais, o mar, a natureza, o Caos, o Olimpo, o mundo das Ideias, o Motor Imóvel, o Uno, o Espírito. Enfim, esses elementos permeados de símbolos e significados demonstram de maneira inexorável essa inquietude inconformista inata e distinta ao ser humano. Importante asseverar que esses grupos humanos, em certos períodos históricos, eram espacialmente (no sentido geográfico) e temporalmente separados uns dos outros, com rara ou nenhuma possibilidade de se estabelecer qualquer espécie de contato. Desse modo, sem Razão ou com Razão, tentar dar conta da realidade, da existência, de um horizonte de sentido e um fim (prático ou escatológico) a esse mundo sempre se configurou em um fundamental aspecto propulsor dos acontecimentos, muitas das vezes imbricados, nos campos religioso, filosófico, social, científico e político durante séculos e que culminaram em obras magníficas, mas também em espetaculares carnificinas.

RELIGIÃO E CULTURA

O *homo sapiens* guarda particularidades e características que o distinguem dos outros seres da natureza. Mormente, se acredita a

racionalidade este diferencial, tornando em consequência todos os demais seres vivos como não dotados dela, portanto, irracionais. Mas não obstante, essa capacidade que nos é inata não se apresenta internalizada quando de nossa concepção e surgimento no mundo. Alguns seres irracionais, ao contrário, já nascem programados às suas funções, como se a natureza lhe tivesse instalado um “chip”. Por exemplo, a vida em um ninho de formigas ou nas colmeias de abelhas com suas nuances de trabalho centradas em uma coletividade hierarquizada, já lhe são familiares desde sua concepção. Outro exemplo: ao nos deparar com um filhote de jacaré fragmentando a casca do ovo e visualizando pela primeira vez o mundo, se dele nos aproximarmos e posicionarmos nosso dedo indicador em sua direção, sua reação já instintivamente “programada” é a de se defender frente a uma ameaça, no caso a do bicho homem. E mais, essa “programação” é universalmente inerente a esses animais a que nos referimos, e independe em que parte do globo eles sejam gerados.

Já no que concerne ao ser humano, e nos permitindo a uma analogia com a linguagem tecnológica que já lançamos mão a pouco, a natureza lhe insere um HD com muitos *gygas*, que podem ou não ser utilizados. Como pondera Pierre Sanchis: “O pequeno humano, ele, não nasce programado. Simplesmente rico das potencialidades de todo o tipo, que poderão – ou não – se desenvolver.” (SANCHIS, 2008, 71). Se hipoteticamente distribuíssemos dez recém-nascidos para famílias em dez países em continentes diferentes, essas crianças enquanto portadoras de potencialidades se consubstanciarão em um receptáculo onde serão centradas, erigidas, desenvolvidas e estruturadas uma série de símbolos, linguagens, valores, visões, cosmovisões, enfim, que necessariamente as situarão em grupos, por seu turno, se configurarão em portadores e representantes dessas diferenças. “E é esse jeito de ser gente, relativamente diferente de

grupo para grupo, que constituí a “cultura” de cada um.” (SANCHIS, 2008, 73).

Desse modo nos parece que a cultura se estabelece como um processo ou sistema de construção, contínua e necessária, que em tese, não deveria ser hermética ou que se fecha em si mesma, mas que circula, se movimenta (como na acepção de Heráclito de Éfeso). A História, como força motriz, ao fazer girar a sua “roda” promoveu o encontro desses grupos distintos que acabaram por se “descobrir” e se “encobrir” (na acepção de Enrique Dussel) uns aos outros, bem como as suas culturas. Pré-história, Antiguidade, Modernidade e Pós Modernidade, marcam de forma indelével, o (des) envolvimento do bicho homem em sua dimensão planetária, permeada por assimilações, adaptações, miscigenações, relativizações, pluralismos até se alcançar um multiculturalismo, mas pari e passu, acompanhada de intolerância, exploração, discriminação, violência e guerras, sejam estas locais, nacionais ou mundiais; sejam santas ou profanas; sejam mornas (de espada), quentes (com bombas atômicas) ou frias (ideológicas), desembocando esta última, em virtude da “vitória” do sistema capitalista, no contemporâneo fenômeno da globalização.

Não se trata aqui de se estabelecer uma visão estritamente maniqueísta dos fatos ou de se pender para uma relativização em sua concepção mais rasa e superficial. Historicamente os acontecimentos se entrelaçam, se imbricam, como faces da mesma moeda, como peças de um mesmo motor, num fluxo contínuo e irrefreável. As peças no tabuleiro desse jogo dialético são movidas por várias razões (ou pela falta dela). Questões de ordem (ou desordem) política, econômica, cultural e religiosa são, talvez, os principais propulsores dos “xeques-mate” que põe fim a um jogo ao mesmo tempo em que, inevitavelmente, iniciam outro. Alcançamos nesse ponto a chave para destacar o objeto do presente ensaio, a relação entre religião e cultura.

Sobre essa relação, afirma Pierre Sanchis: “Dir-se ia: Tudo a ver.” E mais: “Religião é Cultura. Mas a religião não se confunde simplesmente com cultura. É cultura no superlativo [...] nela [...] Sagrado ou Deus, em todo caso um sistema, confere sentido ao mundo e à existência humana e que visa um absoluto. É nesse sentido que a religião se constitui como uma cultura, que é mais que cultura [...]” (SANCHIS, 2008, 77-78).

Ah a Religião! Além de contradizer as previsões que preconizavam o seu fim, alcançou tal profusão dentro das sociedades, que se configurou em campo de análise de vários estudiosos, que buscam a partir dessa matriz fenomenológica, compreender de maneira ampla e universal, suas imbricações para com o ser humano e, conseqüentemente, para toda sociedade.

MATRIZ RELIGIOSA BRASILEIRA

No que concerne a concepção de nossa terra *brasilis*, o movimento histórico da colonização promoveu um encontro por parte dos navegantes portugueses com uma terra a que denominariam inicialmente como Ilha de Vera Cruz, depois Terra de Santa Cruz, e, finalmente, após um período sentindo aquele calor que parecia emanar de um braseiro, de forma definitiva, a “batizariam” de Brasil. Mas, eles não estavam sozinhos, pois aqui encontrariam habitantes nativos. Nesse momento histórico, vários “encontros” ocorreram sistematicamente em outros continentes, de modo a estabelecer àqueles que foram “achados” enquanto colonizados e os “desbravadores”, colonizadores.

Dessa forma, o estabelecimento do Brasil-colônia promove o encontro de dois primeiros elementos fundantes daquilo que José Bittencourt Filho convencionará como *Matriz Religiosa Brasileira*. A primeira trata-se do catolicismo popular, originado com os imigrantes portugueses pobres, e cujo centro e base estavam na devoção aos

santos por intermédio de suas imagens e de sua familiaridade, de modo que este pode ser configurado sociologicamente, como uma reprodução celeste de realidade social. Nesse período vicejava a peleja entre Deus e o Diabo e as batalhas entre Céu e Inferno característico do período Medieval, impregnados de elementos simbólicos e mágicos, e latente entre certos povos colonizadores. Por seu turno, o outro elemento fundante está configurado nas religiões indígenas daqueles que aqui habitavam e cuja característica marcante perpassa pelo tipo de religiosidade conhecido como animismo, nela, se crê na existência e na realidade de um mundo invisível, num ordenamento cósmico, em um ser criador supremo e na vida pós morte. No animismo tudo é rito, tudo é religioso, não se estabelece nenhuma distinção entre fé e vida cotidiana, entre sagrado e profano. A natureza se configura em um grande templo, casa das divindades e espíritos, que em parte dão sentido ao mundo e a existência. A partir da mistura de raças, a miscigenação interpolará, com efeito, elementos culturais e religiosos.

Com o advento da escravidão, no Brasil colônia, a expressão religiosa dos negros oriundos do continente africano (que trazidos como cativos foram privados de quase tudo, mas não de sua cultura e religiosidade, que se consubstanciava em fator de identificação e de certa resistência) passa a ser inserido mais um prato nesse cardápio, ou um novo tempero: as religiões africanas no Brasil. Estas se preservaram com o tempo, e encontram-se dispersas por todo Brasil, e historicamente passaram a se distinguir em três grupos ou tendências majoritárias: O Candomblé, a Quimbanda (ou Magia Negra) e a Umbanda. Esta última é a que mais agrega elementos sincréticos. Este fenômeno, que em seu bojo traz como característica a mistura, a fusão e simbiose de elementos culturais, em que é impossível dissociar a religião, tornou-se tão presente e tão caro para formação da *Matriz Religiosa Brasileira*. Esta que, de forma alguma, dele poderá prescindir.

“Assim sendo, na prática religiosa colonial mesclavam-se elementos católicos, negros e indígenas [...] tecendo uma religiosidade deveras original [...]. A bem da verdade, deve-se considerar a Matriz Religiosa Brasileira como o resultado inerente ao encontro de culturas e mundividências.” (BITTENCOURT, 2003, 49).

A partir do século XIX, mais dois elementos foram acrescentados ao panorama vigente, quais sejam, o espiritismo europeu (notadamente da França com Alan Kardec) e traços do agora, catolicismo romanizado. Do primeiro, deve-se frisar além do seu próprio estabelecimento, a importância e contribuição para o surgimento da Umbanda, que “popularizou” alguns elementos do kardecismo adaptando-os a realidade social, em princípio na cidade do Rio de Janeiro, em contraponto a uma percepção mais intelectualizada desse movimento. Do segundo devemos destacar, que com a perda de território e poder por parte da Igreja Católica na Europa, começou a ocorrer um processo de romanização, com a centralização nos sacramentos e na hierarquização frente ao clero e ao papa; assim, o elemento essencial para o católico agora é outro, saem os santos e entra a missa, saem os leigos e entram os padres, que passam a administrar os templos. Mas, não obstante o autor assevera que “a Igreja Católica Romana, por meio de assimilação, tem buscado contabilizar a seu favor essa religiosidade difusa, convivendo com as formas religiosas sincréticas [...]. Portanto, para o Catolicismo romano, a presença e a influência da Matriz Religiosa Brasileira, nunca representou um problema a ser enfrentado; quando muito representou uma dificuldade a ser contornada sutilmente.” (BITTENCOURT, 2003, 41). Sob certo sentido poderemos supor que contemporaneamente, a Igreja Católica vem “administrando” do mesmo modo alguns movimentos internos como a Teologia da Libertação e a Renovação Carismática Católica, de modo que as dissidências não se tornem novas denominações (o que é mais comum no meio evangélico), na medida

em que seus simpatizantes continuam católicos, bem como pela comprovação que essas tendências diminuiram o êxodo de membros católicos para outras vertentes doutrinárias. E por falar nelas...

NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS

Com a chegada ao Brasil das denominações do Protestantismo Histórico (de missões), mormente oriundas dos Estados Unidos, de pronto se estabelece um modelo de distinção talvez nunca antes experimentado na história do Brasil, vez que os valores nativos foram associados com o mal, com o pecado e com a heresia. Por via reflexa, as missões protestantes rechaçaram quaisquer expressões religiosas advindas da Matriz Religiosa Brasileira, de forma que tal repugnância se consubstanciou em um elemento constitutivo da identidade evangélica no Brasil, com um discurso radicalmente anticatólico. Esse ideário foi abraçado pelo Pentecostalismo Clássico. Mas essa postura inédita, levada a cabo de forma impositiva e desvinculada de elementos constitutivos da Matriz Religiosa Brasileira, não impediriam que esta não “contaminasse” tal presunção. Assim, restou que a partir da década de 60, esse modelo rígido eclodiu nas diversas modalidades de carismatismo, desembocando em cisões irreversíveis, abrindo espaço para os pentecostalismos. Estes, por seu turno, reprocessaram a religiosidade de origem matricial, incutindo-lhes sinais valorativos, levando-os a discriminar e classificar aquilo que pertenceria ao domínio de Deus e aquilo que se situaria na jurisdição do Diabo, de modo a preservar incólume a Matriz Religiosa Brasileira.

Vejamos:

...formas, condutas religiosas, estilos de espiritualidade, e condutas religiosas uniformes, evidenciam a presença influente de um substrato religioso-cultural que denominamos Matriz Religiosa Brasileira. Esta expressão busca traduzir uma complexa interação de ideias e símbolos religiosos que se amalgamaram num decurso multissecular, portanto não se trata de uma categoria de definição, mas, de um objeto de

estudo. Esse processo multissecular teve, como desdobramento principal, a gestação de uma mentalidade religiosa média dos brasileiros, uma representação coletiva que ultrapassa mesmo a situação de classe em que se encontrem...essa mentalidade expandiu sua base social por meio de injunções incontroláveis, como se acontecer com os conteúdos culturais, para, num determinado momento histórico, ser incorporada definitivamente ao inconsciente coletivo nacional, uma vez que já se incorporara, através dos séculos, à prática religiosa." (BITTENCOURT, 2003, 41).

Assim, resta por irremediavelmente comprovada a tese que o sucesso de uma proposta no campo religioso brasileiro estaria umbilicalmente relacionada ao seu comprometimento, explícito ou não, com a Matriz Religiosa Brasileira. Por outro lado, o enfraquecimento ou até o esvaziamento de uma proposta religiosa estaria vinculada ao distanciamento empreendido em relação a essa mesma matriz.

Resta-nos agora abordar um estudo do denominado Pentecostalismo Autônomo, assim identificado, na medida em que promoveu rupturas importantes: primeiramente em relação às origens históricas do protestantismo brasileiro, daí sua autonomia em relação àquele; e segundo, como já asseverado, por reprocessar e se apropriar de crenças e símbolos da Religiosidade Matricial. Essa tendência religiosa, hodiernamente, tem alcançado grande profusão na sociedade brasileira. No entanto, impõe-se como imperativo a clarificação do fenômeno, também contemporâneo, da globalização. E isso de forma a sublinhar que, após o período histórico dos grandes descobrimentos, por certo, foi estabelecido um segundo grande encontro entre culturas, desta feita sob a égide do capitalismo em estágio mais avançado.

No Brasil, já se tinha assistido um crescente e contínuo processo de urbanização, decorrente de um desenvolvimento industrial de base, com destaque para a siderurgia (por muito tempo tutelada pelo Estado) aliado à vinda de muitas empresas multinacionais que aqui se instalaram em busca de matérias primas e mão-de-obra barata. Não

obstante, esse processo de industrialização, digamos subserviente, não atenuou os sintomas endêmicos da pobreza. A ditadura Militar, ratificada pelo polo capitalista hegemônico, comandado pelos Estados Unidos, caminhou para a desintegração, não coincidentemente, quase ao mesmo tempo em que ruía o sistema socialista. O capitalismo era a expressão da “liberdade”! Então, o “obeso” e ditatorial Estado (assim como nas atuais dietas da moda) entra em um processo de anorexia irreversível, em que quase tudo foi privatizado, até as suas obrigações constitucionais. Dessa forma, o campo religioso brasileiro que havia assimilado a urbanização assiste a chegada dessa nova onda, que igualmente, haveria de ser assimilada.

Nos países capitalistas periféricos, a velocidade das mudanças sociais foi rápida, e geradora de conflitos sociais e interpessoais extremos, no que se estabeleceu, conforme Durkheim, o estado de “anomia”. Nela, a desorganização social é tamanha que promove o colapso generalizado das formas sociais e culturais, que rapidamente atinge o estado de fervura, e é nesse ponto que se adiciona à panela, a propensão da sociedade atual ao processo de *atomização*, com traços fortemente individualistas, de onde se cozinha em “fogo” alto, a concepção da religião enquanto realização interior ou necessidade subjetiva. Essa predominância da sociedade imediata e instantânea da subjetividade humana acaba por mercantilizar as formas religiosas, seus cultos e seus rituais. Crise e insegurança se universalizaram, e as chances que aparecem no aqui e agora, são agarradas com afinco, não importando qual seja a mola motriz que movam essas relações, que, mormente, desprezam os valores aprendidos, substituindo-as por acordos e alianças momentâneas. A imediatez e a efemeridade ancoram a fé enquanto mercado, em contraponto aos valores duradouros direcionados para uma construção coletiva de mundo de paz e justiça. Dentro desse contexto, as pessoas são vistas como consumidores, de forma que o contexto sócio cultural impõe certo estilo

de vida como padrão a ser alcançado, provocando a supressão do verbo *ser* pelo verbo *ter*, em que o “eu” assume o protagonismo em detrimento das demais pessoas e instituições. Nessa busca, as pessoas transitam intensamente de um lugar para outro, no que produzem até congestionamento; é como trocar de roupa conforme os ditames da moda, ou conforme as possibilidades, buscando, aumentá-las. Como asseverado, o provisório e o efêmero está mais em alta que o duradouro e o definitivo, e a exacerbação do individualismo clientelista transforma igrejas em supermercados da fé, com suas gôndolas recheadas de kits de salvação, ou melhor, se disponibiliza um cardápio variado onde é possível se “alimentar”, à vontade ou no “peso”, ao que se amolda um modelo hodierno, o qual denominamos de “Self Salve-se”.

Nesse ambiente profícuo e fértil, o pentecostalismo autônomo fincou suas raízes, sendo utilizado a guisa de exemplo, por não se afastar da Matriz Religiosa Brasileira e assimilar as mudanças sociais e culturais à sua volta. Dessa forma elencaremos algumas de suas marcantes características: Adaptação ao mundo moderno, lançando posse (literalmente) de vários meios de comunicação de massa, suntuosidade de templos, administração empresarial, estabelecimento de binômio de força espiritual agregado ao poder político; multiplicação de agentes religiosos e suas decorrentes titulações (pastores, bispos, missionários e até apóstolo, bem como evangelistas, presbíteros, diáconos, obreiros), de modo a atender às demandas e acomodar membros; mensagem central trabalhada à exaustão, “Só Jesus salva” ou “Pare de sofrer”, aliada ao batismo no Espírito Santo e na libertação (exorcismos e curas) das forças demoníacas e de doenças; enfoque direcionado na teologia da posse de bens, de saúde e de felicidade; e na Teologia Prosperidade, em que se estabelece um balcão de trocas entre Deus e o fiel, insistência nos dízimos e ofertas, o demônio como devorador e misturador, e salvação que se dá aqui e

agora, neste mundo, pela posse de bens, bem estar, curas e libertação; etnocentrismo e proselitismo exacerbado, discriminação frente as minorias e a favor da “família”, enfatizando a poupança, a aplicação e o investimento.

CONCLUSÃO

Enfim, enquanto características peculiares desse movimento (para mais ou para menos, para cima ou para baixo, ou que pende mais para um lado do que outro) nada mais são do que assimilações e apropriações reprocessadas nesse ambiente pós-moderno. Configuram-se nos mais novos pratos inscritos e oferecidos no cardápio de um restaurante tradicional, cujos ingredientes e a cozinha continuam originárias e especialmente marcantes, no que proporcionam opções para além da sugestão, às vezes impositiva, dos “chefs”, que não obstante, possui uma legião de admiradores. O que nos resta, então, é desejar a todos um bom apetite!

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.
- ORO, Ivo Pedro. *O fenômeno religioso: como entender*. São Paulo. Paulinas: 2013.
- SANCHIS. Pierre. “Cultura brasileira e religião...Passado e atualidade”. Belo Horizonte: *Cadernos CERU*, série 2, vol 19, 2008, p. 71-92.

Alexander Valdo Lemos

*Graduação em Filosofia (Ufes), em Geografia (Ufes) e graduando em Teologia (UNIDA).
Membro do Núcleo de Estudos da Religião – NUER
da Cátedra Unida de Teologia Pública
e Estudos da Religião “Rev. João Dias de Araújo”.*

COMO CITAR ESTE ARTIGO

LEMONS, Alexander Valdo. “Religiosidade à brasileira, da sugestão do chef ao Self salve-se”. *Unitas – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões* [online]. Vitória-ES, vol. 1, jan.-jun., 2014, p. 71-82. Disponível em: < <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas>>.